

CE SAR
AINDA ESTÃO LÁ
BRAVO

~~DARKSIDE~~

AINDA ESTÃO LÁ

Alberto ajustou o colarinho do fardamento esverdeado, fez o mesmo com o quepe e perguntou à esposa se estava apresentável. Ela assentiu com a cabeça e o observou escapar pela porta, animado com mais um dia no Grande Hotel.

O nome correto da profissão era mensageiro, mas muitas pessoas a conheciam (e resumiam) como carregador de malas. Alberto nunca se importou. Tendo trabalhado tanto tempo no Grande Hotel, ele sabia que as pessoas às vezes se expressam com dificuldade, principalmente as que têm muito dinheiro e pouco tempo a perder. Que o chamassem do que quisessem.

Naquele dia, entretanto, mesmo nos primeiros minutos da manhã, quando o clima era fresco e

agradável e a névoa ainda brincava sobre o lago que cobria boa parte da frente do hotel, Alberto não estava tão feliz. *Eles* chegariam aos milhares, essa era a verdade. Parte deles encheria os quartos, faria barulho, quem conseguiria dar uma atenção digna a tanta gente? Quem teria vontade de dar atenção a tanta gente?

Os primeiros chegaram perto das oito da manhã. Eles entraram, passaram por Alberto e o trataram como um vaso de flores artificiais. Resignado, ele aguardou que o *concierge* fizesse as reservas e acompanhou o rapaz mais jovem, que também estava encarregado das malas naquela manhã gloriosa, até o quarto dos hóspedes.

Foram muitas daquelas viagens. Elevadores lotados, diferentes sotaques se mesclando em conversas descartáveis. Impaciência.

O Grande Hotel não merecia passar por isso. Toda aquela gente, Santo Deus.

Quantos deles sabiam que o hotel foi concebido originalmente para ser um cassino? E que a ideia, apesar de levada a cabo, durou menos de dois anos? Eles sabiam que praticamente todos os presidentes da república se hospedaram nesse mesmo hotel? E que, até o mandato de Dilma Rousseff, todas as primeiras reuniões ministeriais foram realizadas em uma de

AINDA ESTÃO LÁ

suas luxuosas salas, agora tombada como patrimônio histórico? Talvez muitos deles sequer soubessem que a cortesã mais famosa do Brasil, Dona Beija, gostava de frequentar os bailes e festas de gala no Grande Hotel, e que graças a essa mulher, o território de Goiás era um pouco menor e o de Minas Gerais um pouco maior.

Às dez da noite, enfim, Alberto conseguiu encerrar seu trabalho.

Calado e empertigado, o mensageiro se refugiou nas termas do hotel, um luxo oferecido aos hóspedes que concordavam em pagar uma pequena fortuna por um mergulho em águas medicinais ou para receber massagens especiais. Alberto sentia-se injustiçado, mas era bom estar ali, sobretudo à noite. O silêncio, a penumbra quebrada apenas pelo vitral da claraboia, o eco que, vigoroso, demorava uma eternidade a ir embora.

— Sabia que você estaria aqui — a mulher disse ao marido.

— Milena? Pensei que já estivesse descansando.

— Você sabe que nós não precisamos disso.

Alberto sorriu e concordou, chegando mais perto do parapeito e lançando os olhos para o piso marmorizado e desenhado a compor uma enorme estrela.

As cadeiras de descanso vazias, tranquilas, em paz.

— Estão todos bem? — ele perguntou.

— E por que não estariam? Alberto, você não pode ficar tão irritado. Todo ano é a mesma coisa, e todo ano você se comporta como uma criança de três anos de idade. Resignação, lembra? Esse é o acordo.

— Como eu posso ficar resignado? Em vez dos quartos, ficaremos reduzidos ao alojamento, em vez do luxo que o Hotel oferece, dormiremos coletivamente, entulhados, distribuídos em quatro camas por quarto. Isso parece certo?

— Certo ou não, nós concordamos. Você quer ficar aqui, não quer? Ou está disposto a finalmente ir embora? Me diz, Alberto, o que nós ainda conhecemos do mundo? Das pessoas? Como saberemos e aceitaremos o que eles pensam depois de tanto tempo?

— Não faz tanto tempo assim — Alberto espalmou as mãos no parapeito, deixando que o eco caminhasse pelas paredes com mais vontade.

— A revolta não vai resolver nossos problemas. E o que me diz de sua profissão? Você conseguiria seguir em frente sem ela? Você finalmente enjoou dessa farda?

Alberto ergueu a cabeça e fitou a claraboia. Era bonito, era como olhar o céu. A lua cheia lá de cima

AINDA ESTÃO LÁ

deixou sua prata sobre ele, Alberto pareceu mais jovem, mais bonito, pareceu mais vivo.

— Amo usar a minha farda. Ela é velha, mas é minha. Ela pesa, mas me aquece. O problema não é o que faço durante o meu dia, Milena. Eu não estou satisfeito com o que preciso fazer à noite.

Milena o abraçou e esperou que ele a acolhesse da mesma forma. Depois se aninhou a ele, descansando a cabeça sobre o peito. Suspirou, escolheu as palavras certas a dizer.

— Eles estão fazendo uma coisa boa. Nosso país precisa dos livros, precisa de cultura e educação.

— Não é para o país todo. Isso aqui é só um hotel.

— Precisa começar em algum lugar. Eles estão melhorando a cada ano, eu me orgulho de presenciar o que está sendo feito aqui.

— Não estou irritado com o festival. Como é mesmo o nome?

— Fli. Fliaraxá.

Alberto continuou.

— Dessa vez trouxeram gente nova. Eu vi quando dois deles chegaram, vestidos de preto, olhando demais, tentando enxergar o que não deviam. Essa gente gosta de ver e não entende o que vê, percebe o risco que estamos correndo?

— Quem são eles? — Milena enfim compreendeu o receio do marido. Ela também tinha ouvido falar daquelas pessoas, mas como acreditar em algo assim? Camareiras falavam demais, não era possível colocar tudo o que elas diziam em um contrato.

— Médiuns.

— E você está nervoso por causa disso? Amor... Essa gente visita o Hotel desde a morte da Lucinha, e isso aconteceu em 1970. Você deveria estar acostumado. Tem certeza que não está implicante porque mudamos de quarto?

— Você não entende. Essa gente é diferente. Eles não dizem que são médiuns, não assumem, eles dizem que são escritores. Muitos deles replicam o que ouvem e nem percebem o que ouviram. Eles não sabem quem são.

— E nós sabemos? Alguém realmente sabe?

— Sou o mensageiro. Ando por aí com as malas, entrego as correspondências, ajo da mesma forma quando recebo uma gorjeta ou um pedido que não será recompensado. E você é uma das camareiras. Nós tivemos uma filha que não vem nos visitar. Em compensação, temos nossos amigos, que escolheram ficar com a gente e cuidar desse hotel.

— O que vocês dois estão fazendo? — uma nova

AINDA ESTÃO LÁ

voz perguntou. — Alguns de nós ainda precisam dormir, sabiam?

— Dona Cleide — Alberto a reconheceu apesar da pouca luz do Salão Termal. — Não sabia que ficaria conosco nos alojamentos.

— São as regras, não são? Alguém com a minha idade já aprendeu a obedecê-las.

— Xiiuuu, aí vem um deles — Milena disse e um novo silêncio se fez.

Eram três pessoas. A Moça de Vestido, o Rapaz de Jeans, o Homem de Barba Comprida. Eles passaram bem perto do Mensageiro fardado em verde, o último a deixar o salão. A Moça de Vestido esfregou os braços, o Rapaz de Jeans respirou fundo, o Homem de Barba disse:

— Conseguem sentir a energia deste lugar?

— Estou toda arrepiada — a Moça de Vestido explicou.

— Eles ficam aqui? — o rapaz perguntou.

— Ninguém sabe ao certo, mas tivemos o atendimento de um médium há vinte anos. Estávamos tento muitos incidentes no hotel e ela conversou com... eles. Acho que entraram em um acordo.

— Incidentes? — a Moça de Vestido quis saber.

Em uma construção fundada há tanto tempo

quanto o Grande Hotel, é natural que ocorram algumas coisas terríveis ao longo dos anos. Elas não eram muitas, diga-se a verdade, mas se comportavam como o eco daquela câmara, demoravam a ir embora. Em sessenta e três ocorreu a morte de uma garotinha. Ela caiu de um lance de escadas e sofreu traumatismo craniano. Os pais ficaram desolados, a mãe acabou falecendo ainda no hotel, a pobre mulher tomou comprimidos demais. Também houve o caso de Dona Cleide Bretão. Em 1977, Cleide sofreu uma parada cardíaca e morreu dentro de um dos elevadores. Algumas pessoas (some aqui hóspedes e funcionários do Grande Hotel) dizem que se você olhar de soslaio, com o canto dos olhos, no ângulo certo, ainda pode vê-la agonizando.

— Tia, eu tô com medo — uma garotinha que se escondia junto aos outros na Sala de Massagem tocou a mão gelada de Milena. A menina ainda tinha um talho enorme na parte de frente da cabeça. Havia sangue seco e preto no vestido rosa, as meias brancas estavam raladas nos joelhos.

— Ei, não precisa ficar assustada — Alberto disse à menina. Depois, mais baixo, segredou à esposa:

— O rapaz é deles. Ele veio até aqui para dizer ao mundo quem nós somos.

AINDA ESTÃO LÁ

— Podemos assustá-lo, já fizemos isso antes — Dona Cleide sugeriu.

— Não, isso poderia piorar tudo. Se eles saírem correndo, vão atrair mais gente ainda — Aberto avançou pela porta e caminhou até os três vivos.

— Alberto! Não! — Milena se esforçou para não gritar, se esquecendo de que dificilmente seria ouvida.

— De repente ficou frio pra caramba — o Rapaz de Jeans cruzou os braços, se enovelando, se apertando.

— São eles — o Homem de Barba explicou.

— Ai, meu Deus! Eles estão aqui? — a Moça de Vestido inqueriu, tão alto que o eco foi e voltou mais de cinco vezes. Uma das portas das salas de massagem rangeu e tomou o som de volta para si.

O Homem de Barba deu um passo para trás e cravou os olhos na escuridão que escapava por aquela porta.

— Não dá para saber com certeza — explicou. — Mas os funcionários contam que existem muitos deles nesse hotel.

— E por que eles ficam aqui? Por que não vão embora? — a Moça de Vestido parecia nervosa.

— É um bom hotel — o Homem de Barba disse. — Essas paredes são nobres e sólidas, de certa forma, elas são poderosas. Eu consigo entender esses... espíritos.

Depois de muito tempo dentro dessas paredes, passamos a fazer parte delas. O Hotel nos empresta parte do poder herdado, em compensação, a construção acaba nos viciando nessa sensação. Quando olho para esse Hotel, mesmo nas noites mais escuras onde a beleza é roubada pelo mistério, consigo ouvir os passos do passado. Presidentes da República, magnatas do café, homens e mulheres que exalavam conquista e poder. Até mesmo uma seleção brasileira campeã do mundo se hospedou nos quartos do Grande Hotel!

— E se eles aparecerem? Se eles nos tocarem de alguma forma? — a Moça de Vestido continuava assustada.

— Duvido que aconteça. Essas pessoas, esses fantasmas, no fundo eles só querem manter um pouco do que ajudaram a construir. E se tratando desse hotel, quem poderia culpá-los? — o Homem de Barba sorriu.

Invisível àquelas pessoas, Alberto assentiu levemente com o pescoço.

O Homem de Barba não era tão ruim, afinal. A Moça de Vestido estava aterrorizada, logo iria para cama e os deixaria em paz. Mas ainda havia o Rapaz de Jeans, o que escrevia sem saber de onde vinham as histórias. De repente pareceu uma boa ideia falar com ele, procurar um tradutor, talvez tivesse chegado

AINDA ESTÃO LÁ

a hora de dividir algumas das partes mais escuras do Grande Hotel. Parecendo perceber que era vítima de algum tipo de ataque, o rapaz recuou dois ou três passos, se afastando dos outros dois. Então sentiu o vento em seu ouvido direito dizer:

— Sabe, rapaz. Nós ainda estamos aqui.

Nascido em 1977, em Monte Alto, São Paulo, foi apenas recentemente que CESAR BRAVO deu voz à sua relação visceral com a literatura. Durante sua vida, já teve diversos empregos — ocupando cargos na indústria da música, na construção civil e no varejo. É farmacêutico de formação. Bravo publicou suas primeiras obras de forma independente, e em pouco tempo ganhou reconhecimento dos leitores e da imprensa especializada. É autor e coautor de contos, romances, enredos, roteiros e blogs e publicou *Ultra Carnem* (DarkSide® Books, 2016). Transitando por diferentes estilos, possui uma escrita afiada, que ilumina os becos mais escuros da psique humana. Suas linhas, recheadas de suspense, exploram o bem e o mal em suas formas mais intensas, se tornando verdadeiros atalhos para os piores pesadelos humanos. Saiba mais em facebook.com/cesarbravoautor.